

programa de seleção de doadores compatíveis, sendo realizadas 14.370 provas cruzadas por PIFT, encontrando-se 2357 compatíveis (16,4%). Para 71 dos 94 pacientes, também foram realizadas 2.390 provas cruzadas por MAIPA, encontrando-se 53% de compatibilidade. **Discussão:** Dos pacientes com CCI de 1 hora abaixo de 5.000, a maioria teve PAP positiva (56,4%), indicando RP imune. Esses pacientes apresentaram melhora significativa do CCI após receberem plaquetas compatíveis, com CCI de 1 hora passando de 0 para mais 10.000 em alguns casos. **Conclusão:** Mesmo presente, a RP ainda é negligenciada por muitos profissionais de saúde. Transfundir aleatoriamente não é a solução, uma vez que o paciente não irá apresentar incremento satisfatório caso não receba a plaqueta adequada, desencadeando possíveis complicações hemorrágicas catastróficas. A RP é uma condição clínica desafiadora, devendo ser prontamente diagnosticada e conduzida com o intuito de garantir a segurança do paciente.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2022.09.720>

FREQUÊNCIA DOS SUBTIPOS A2 E A2B EM DOADORES DE PLAQUETAFÉRESE NO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

RM Benites ^a, AG Rosa ^{a,b}, PH Janzen ^{a,b}, B Blos ^a, LDN Vargas ^a, LO Garcia ^a, L Sekine ^{a,c}, JPM Franz ^a

^a Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), Porto Alegre, RS, Brasil

^b Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Porto Alegre, RS, Brasil

^c Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

Objetivos: Os antígenos ABO estão presentes em diversos tecidos humanos, sendo que no sangue são expressos nos eritrócitos e também nas plaquetas. Com a demanda crescente de transfusão de plaquetas no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), nem sempre é possível seguir a compatibilidade ABO. Muitas vezes utiliza-se plaquetas do grupo A ou AB em pacientes que possuem anti-A. Nessas situações, é vantajoso detectar doadores de plaquetaférese dos subgrupos A2 ou A2B e manter um estoque destes doadores para garantir a disponibilidade de plaquetas, especialmente na falta de plaqueta isogrupo. **Material e métodos:** No período de novembro de 2019 a maio de 2020 e de setembro de 2021 a abril de 2022 foram avaliados 211 doadores de plaquetaférese dos grupos A e AB. As amostras de sangue com EDTA foram coletadas dos doadores e testadas para A1, A2 e A2B com lectina Anti-A1 (*Dolichos biflorus*) e Anti-H (*Ulex europaeus*), pela metodologia em tubo. **Resultados:** Dos 199 doadores com resultados válidos, 184 eram do grupo A e destes, 149 (80,98%) eram do tipo A1 e 35 (19,02%), A2. Das plaquetaféreses do grupo AB, 14 (93,33%) de um total de 15 foram caracterizadas como A1B e apenas 1 (6,67%) como A2B. No total, obtivemos 81,9% dos indivíduos do grupo A (ou AB) com fenótipo A1 (ou A1B), e 18,09% com fenótipo A2 (ou A2B). Nenhuma das amostras apresentou anti-A1 no plasma. Um total de 12 amostras obtiveram resultados discrepantes ou indeterminados, e foram

excluídas da análise. **Discussão:** Juntos, os fenótipos A1 e A2 representam 99% dos indivíduos do grupo A. Cerca de 80% dos indivíduos A e AB são A1 e A1B, 19% são A2 ou A2B e 1% são referentes a outros subgrupos de A. Os percentuais acima, relatados na literatura, foram observados neste estudo para doadores do grupo A e na avaliação conjunta com doadores A e AB. Para o grupo AB separadamente, a frequência de indivíduos A2B foi um pouco menor, o que pode ser explicado pela baixa amostragem (15 doadores). No HCPA, os doadores de plaquetaférese são convocados pela tipagem sanguínea ou compatibilidade HLA, de acordo com a necessidade transfusional dos pacientes. Entretanto, nem sempre é possível suprir a demanda transfusional. Sabe-se que a quantidade antigênica de “A” no subgrupo A2 é menor em comparação com indivíduos A1, diminuindo a intensidade da reação antígeno-anticorpo na presença de anti-A em receptores O ou B. Neste sentido, criar um cadastro de doadores do subgrupo A2 e A2B pode contribuir para uma maior disponibilidade de plaquetas, especialmente nas transfusões com incompatibilidade ABO, causando um menor prejuízo ao incremento plaquetário. **Conclusão:** A disponibilidade de plaquetas isogrupo é uma das principais dificuldades dos serviços de Hemoterapia, considerando a baixa porcentagem de doadores voluntários e alta demanda transfusional, especialmente nos hospitais de alta complexidade que atendem transplantes. Neste contexto, criar alternativas para ter uma maior disponibilidade de plaquetas e ter hemocomponentes que proporcionem melhores resultados terapêuticos, pode contribuir para o gerenciamento do estoque e um suporte transfusional mais seguro e eficaz para os pacientes.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2022.09.721>

PERFIL DE ESPECIFICIDADE E PREVALÊNCIA DE ANTICORPOS IRREGULARES NOS PACIENTES ATENDIDOS PELA SANTA CASA DE OURINHOS DE 2018 A 2022

EFGD Santos ^a, MA Garcia ^b, GSC Timoteo ^a, SR Silva ^a, ENP Florentino ^a, C Andrade ^a, SB Awad ^a, MCSE Souza ^a, PMN Teixeira ^a, JCI Gazola ^a

^a Agência Transfusional da Santa Casa de Misericórdia de Ourinhos (SCO), Ourinhos, SP, Brasil

^b Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos (UNIFIO), Ourinhos, SP, Brasil

Objetivo: Levantar o perfil de anticorpos irregulares encontrados nos pacientes atendidos na instituição de 2018 a 2022. **Material e método:** Foram levantados os dados dos arquivos da agência transfusional responsável pela realização dos testes imunohematológicos pré-transfusionais, onde pacientes que apresentaram a pesquisa de anticorpos irregulares positiva tiveram o painel de identificação de anticorpos realizado e arquivados em fichário e planilha excel a fim de criar um banco de dados para futuras pesquisas. **Resultados:** Dentre os 3149 pacientes atendidos no período de estudo, 67 apresentaram a pesquisa de anticorpos positivas com o seguinte perfil aproximado de identificação: 09 crioaglutininas (13,4%), 08 anti-C (11,9%), 07 anti-E (10,4%), 06 anti-Dia (8,9%), 05 anti-D